



INTERFACES ENTRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A AFETIVIDADE: REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A CRIANÇA AUTISTA E AS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Geovana Carvalho de Aquino
Acadêmica, Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
geocarvalho001@gmail.com
Andrea Ruas da Cruz Nogueira
Mestra, Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
andreapsicologia6@yahoo.com.br

Eixo: Educação Inclusiva, Acessibilidade e Tecnologias Assistivas
Palavras-chave: Afetividade. Autismo. Desenvolvimento Infantil. Inclusão.

Resumo Expandido

Introdução

Falar de afetividade na Educação Infantil, sobretudo na relação com crianças autistas, é falar de presença, escuta atenta e compromisso ético. Trata-se de reconhecer que, muitas vezes, antes mesmo da transmissão de conteúdos, é necessário acolher silêncios, interpretar olhares e respeitar ritmos que não se deixam apressar. A pesquisa aqui apresentada nasceu justamente dessa compreensão: da urgência em investigar como o vínculo afetivo entre professor e aluno autista pode constituir-se como condição essencial para o desenvolvimento e para a aprendizagem, em um processo de inclusão que vá além da dimensão normativa e se revele genuinamente humano. Nesse sentido, este estudo busca analisar de que forma a afetividade na relação entre professoras e crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode impactar positivamente o seu desenvolvimento na Educação Infantil. A escolha do tema emergiu das vivências no estágio supervisionado, que evidenciaram a centralidade dos vínculos afetivos na promoção da aprendizagem e da inclusão escolar. A questão norteadora que guiou esta investigação foi: de que maneira a dinâmica afetiva construída na relação professor-aluno contribui para o desenvolvimento infantil em contextos inclusivos?

Fundamentos Teóricos

A discussão teórica fundamenta-se em autores como Vygotsky (2000, 2003) e Wallon (2007), que evidenciam a inseparabilidade entre afetividade e cognição no desenvolvimento humano. Mantoan (2003, 2006) e Menezes (2012) discutem a inclusão escolar e a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis às diferenças. Autores como Tardif (2002), Nóvoa (1999) e Imbernón (2006) ressaltam o papel da formação docente

na construção de práticas inclusivas. A literatura aponta que a afetividade, longe de ser mero gesto de carinho, constitui-se como mediação pedagógica essencial para a aprendizagem e para a socialização de crianças autistas.

Metodologia

A pesquisa adota abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco professoras da Educação Infantil que atuam com crianças autistas. A análise foi conduzida com base na técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), contemplando a categorização dos relatos em eixos temáticos relacionados à afetividade, práticas pedagógicas e formação docente.

Análise de dados

Os resultados apontaram que a presença de vínculos afetivos favorece a autonomia, o engajamento e o desenvolvimento social e cognitivo das crianças autistas. As professoras relataram que o afeto se manifesta tanto em gestos simples, como escuta e acolhimento, quanto em estratégias pedagógicas adaptadas às singularidades de cada aluno. Nesse sentido, a postura afetiva não foi compreendida apenas como demonstração de carinho, mas como uma ferramenta pedagógica que amplia a eficácia das estratégias de ensino e promove um ambiente de inclusão genuíno. As falas das participantes evidenciam que a afetividade ajuda a reduzir barreiras comunicacionais e comportamentais, tornando o processo educativo mais próximo da realidade de cada criança. Verificou-se ainda que a afetividade ressignifica a prática docente, exigindo abertura, sensibilidade e formação contínua para lidar com a diversidade. Outro achado relevante foi a percepção de que a afetividade não substitui métodos pedagógicos, mas potencializa seu alcance, fortalecendo os vínculos sociais e a aprendizagem. Ao integrar metodologias estruturadas com uma postura afetiva, o professor consegue ampliar as possibilidades de interação, mediação e desenvolvimento, reafirmando que o afeto atua como um catalisador das práticas educativas inclusivas.

Conclusões

Conclui-se que a afetividade exerce papel central no desenvolvimento infantil de crianças autistas na Educação Infantil. A mediação afetiva do professor contribui não apenas para avanços cognitivos, mas também para a socialização e a construção da autonomia. Além disso, evidencia-se a necessidade de formação docente voltada para práticas inclusivas que valorizem a dimensão afetiva como elemento estruturante do processo educativo. Assim, a afetividade, enquanto prática pedagógica, reafirma a possibilidade de uma educação mais humana e inclusiva.

Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2006.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2003.

MENEZES, E. C. Autismo: intervenção e práticas educativas. São Paulo: Pearson, 2012.

- NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WALLON, H. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa, 2007.